

# A LEITURA POSTA EM CRISE: DISCURSOS QUE MOBILIZAM O CAMPO DAS POLÍTICAS CURRICULARES

Geniana dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho delinea a história do COLE, seu impacto para as Políticas Curriculares e de Leitura. Para tal, foram levantados dados acerca do evento a partir de quatro fontes: site da ALB; Quinaglia (2006); Magnani (2009) e Oliveira (2015). O estudo evidenciou que esse espaço potente de negociação atuou em alguns momentos de sua história como uma intervenção direta nas políticas governamentais, mas atua, sobretudo, e de forma contínua, no processo de formação de formadores de leitores em todo o Brasil e nas políticas de significação que focalizam a escola.

**Palavras-chave:** COLE; história; políticas curriculares; leitura.

## Introdução

Este texto versa sobre sentidos de crise nas políticas curriculares de leitura, destacados por meio do Congresso de Leitura do Brasil. Por meio deste recorte intentamos possibilitar uma leitura diacrônica do evento, buscando contribuir para novas frentes de pesquisa sobre políticas de formação de leitores. Para a reconstituição da história do evento foram utilizadas quatro fontes principais: *site* da ALB, bem como do seu blog, Quinaglia (2006), Magnani (2009) e Oliveira (2015). A busca por diferentes meios para a interpretação do contexto do COLE se deve ao fato de existirem poucos trabalhos acadêmicos sobre o evento. O trabalho apresenta demandas e processos articulatórios das primeiras edições do evento (1º até 8º), salientando seus pontos fortes e os processos de disputa por projetos de formação de leitores e transformação social.

## Demandas constituidoras de articulação

O COLE é um evento acadêmico sediado na Unicamp, promovido pela Associação de Leitura do Brasil - fundada na terceira edição do COLE (1981), a partir de Assembleia de Professores de Instituições de Ensino Superior do Brasil (OLIVEIRA, 2015). Conforme Magnani (2009), o primeiro COLE foi realizado em 1978 como iniciativa de professores do departamento de Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação da Unicamp, resultado da articulação entre a Secretaria Municipal de Educação de Campinas, a Unicamp e os profissionais bibliotecários. Junto ao COLE, foram realizados o primeiro Congresso de Bibliotecários (COBI) e a primeira Feira do Livro de Campinas.

Tendo como pano de fundo a escolarização/alfabetização no contexto nacional, várias associações podem ser enfatizadas nessa constituição histórica. Um ideal maior, pedagógico e democrático, passou a ser característico do evento.

Sobre a natureza do evento, Quinaglia (2006) frisa que uma das diferenças entre os eventos em suas várias edições diz respeito ao âmbito social em que está inserido. Em seu início, a luta pela palavra e o enfrentamento aos contextos de repressão eram enfatizados e, posteriormente, o acesso aos bens culturais, considerando o vasto campo de disseminação de ideias, passou a ser um dos ideais do congresso.

Para Silva e Martin (1979 *apud* Oliveira 2015, p. 3-4, grifos dos autores),

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UERJ, Mestre em Educação pela UFMT, Licenciada em Letras-Literatura e em Pedagogia. Pesquisadora colaboradora no Grupo de Pesquisa Currículo, Sujeitos, Conhecimento e Cultura - UERJ. Docente UNIVAG/MT e Assessora Técnica Pedagógica - SAPE/SUEB/CEF/SEDUC-MT. E-mail: [genianacba@gmail.com](mailto:genianacba@gmail.com).

Um congresso de Leitura deveria se transformar, então, num Congresso de LEITURA POPULAR, que defendesse os direitos dos leitores postergados e esquecidos pelos sistemas e pela discriminação. Um Congresso de Leitura deveria lutar para a conquista de uma CULTURA DEMOCRÁTICA. Um Congresso de Leitura deveria, enfim, lutar não só pelo direito de dizer coisas, mas pelo direito de dizê-las *PARA TODOS!*

Oliveira (2015) assinala que no intento de formalizar uma linha de publicação especializada em leitura, a Revista Teoria e Prática foi criada. Nesse contexto, a caracterização da crise e a demanda por formação leitora fornece ao 2º COLE elementos que viabilizam a estruturação de um movimento articulatório com vistas à hegemonização de uma proposta pedagógica para o ensino da leitura. Essa edição do evento foi denominada “Pedagogia da Leitura”.

Nesse momento, outros sujeitos foram conclamados a lutar pela leitura, ameaçada pela sua ausência no contexto familiar. Sobre essa questão, destacamos equivalências em uma mesma cadeia discursiva. Na primeira, *o antagonismo à leitura é encarnado pela censura*; posteriormente, *pela ausência pedagógica*; e, enfim, *pela televisão que, toma o lugar da leitura no contexto familiar*.

Segundo Silva (*apud* OLIVEIRA, 2015), o COLE assinalava uma mudança no campo acadêmico, uma vez que a existência do evento fomentou maior interesse em se desenvolver pesquisas sobre a temática. Ainda pensando no impacto das produções do 3º COLE, é preciso considerar que a presença de Paulo Freire intensificou a discussão acerca de uma necessária transformação de paradigma para a leitura e seu ensino. O texto “A importância do ato de ler”, recolocou a leitura no âmbito educacional como uma atividade estratégica aos projetos educacionais.

O 4º COLE – “Leitura na Sociedade Democrática: do discurso à ação” – ressalta a metáfora da sementeira. O campo metafórico mobilizado permite compreender que iniciativa, tempo e cuidado são elementos relevantes para a formação de leitores.

Em sua 5ª versão, o Congresso já se encontrava mais estruturado. Segundo registros, houve associação mais acentuada entre bibliotecários e professores. Regina Zilberman, discutia sobre as políticas de acesso ao livro e as responsabilidades governamentais nas políticas de formação leitora (OLIVEIRA, 2015).

É possível compreender que até o sexto COLE, os sentidos negociados acenam para questões sociais que barram ou que promovem a leitura, dentre elas, a censura, a falta de orientação para a leitura, a família-televisão, o cuidado-acompanhamento, o interesse pessoal pela leitura e a relação professor e estudante. Tais sentidos, contudo, vão perdendo centralidade a partir da sétima edição do evento.

No 7º COLE, significações mais plurais de leitura se evidenciam a partir de uma resignificação do conceito de texto, bem como de gramática, algo que surge como uma tendência nas perspectivas Linguísticas. “Nas malhas da leitura: puxando outros fios”, parece querer indicar uma maior proximidade do evento com as discussões do campo disciplinar da linguagem, que muito se relacionava à necessidade de superar o ensino gramatical fora de uma unidade de sentido, fora do texto.

Na “Fala de abertura” do 7º. COLE, em 1989, o então presidente da ALB, João Wanderley Geraldi, assim justifica a necessidade de se “puxarem outros fios”, nas “malhas da leitura”, em consonância com as especificidades do contexto histórico: Este nosso 7º. Congresso, realizado no contexto de um tempo difícil, coincide também com um tempo de enfrentamento de desafios: de concretizar sonhos, de decidir políticas, de praticar mudanças. E vivemos em misérias públicas do analfabetismo, de pobreza, de fome, queremos viver

também o direito, para a grande maioria de nós pela vez primeira, de escolha e de decisão entre caminhos alternativos a seguir na construção da sociedade brasileira. Um direito da cidadania conquistada a duras penas. E a ele, outros direitos, muitos, a conquistar e, mesmo, a descobrir. “NAS MALHAS DA LEITURA, PUXANDO OTUROS FIOS” há de enfrentar a distância entre a realidade de um país [...] e o sonho da leitura como uma prática social possível a todos os brasileiros. No intervalo entre sonho e realidade, a ação possível vem tornando possível o impossível [...] Este é o porquê deste congresso tentar trazer para dentro da pesquisa acadêmica ou para dentro da prática pedagógica a visão daqueles que fazem da produção do que se lê o seu cotidiano, produção que não se limita ao texto verbal, mas que coloca, a cada dia, diferentes objetos de leitura (MAGNANI 2009 citando GERALDI, 1991, p. 10).

No que se refere ao conteúdo do congresso, nesse período, João Wanderley Geraldi era presidente da ALB, sendo o professor Ezequiel Theodoro da Silva o presidente de honra. As discussões de Geraldi tematizavam o texto na sala de aula, o que possivelmente direcionou essa edição do congresso. Outros temas, como representação de leitores e relação entre escritor e leitores, foram evidenciados. Nomes como Lajolo, Furnari e Zilberman problematizavam a cumplicidade entre leituras e leitores (ANAIS 7º COLE<sup>2</sup>).

No que tange o crescimento do COLE, bem como o momento discursivo em questão, Silva (1989) enfatizava, com a expressão “o COLE colou”, a contribuição que o evento já tinha dado à educação brasileira. Contudo, assinalava, como intento para a próxima década, a “recuperação da dignidade do magistério”, a “reconstrução da escola pública” com vistas ao “combate ao analfabetismo”. Nesse tocante, a associação mais forte com o campo da linguagem, mais especificamente com as noções da Linguística nuança o campo pedagógico de ensino da leitura, antes pensado por uma pedagogia geral, nesse momento, parece ser pensada a partir de uma pedagogia específica e disciplinar.

A ideia de crise de leitura deixava de ser focalizada, entretanto, em seu lugar, a expressão “triste quadro” assinalava uma flutuação e abertura de sentido, para um contexto que demandava por constante luta. Ainda no discurso de abertura, proferido pelo professor Eduardo R. J. Guimarães, na época diretor do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, os significantes *luta e acesso* são expressos, assim como a significação da leitura como um ato de construção dos sentidos sociais (ANAIS, 7º COLE). Isso pode significar que um contexto articulatório tenha se formado para o enfrentamento da problemática de leitura.

As políticas públicas de promoção da leitura eram problematizadas, nessa época, por Zilberman, que destacava a condição brasileira no que dizia respeito à relação entre leitor e livro, assinalando, igualmente, a formação da nação e da identidade brasileira. Valda de Andrade Antunes, similarmente, abordava as políticas públicas de incentivo à leitura, enfatizando a necessidade da estruturação de bibliotecas, significada como “alma da escola”, demandando assim pela presença da literatura e do livro, de projetos de leitura nas salas de leitura (ANAIS 7º COLE).

Na edição “Leitura: autonomia, trabalho e cidadania” (8º COLE<sup>3</sup>), ocorrida em 1991, a ALB era presidida por Ezequiel Theodoro da Silva. Maria do Rosário Mortati Magnani e José Carlos Libâneo, Affonso Romano de Sant’Anna, Wanderley Geraldi e Ana Luiza Bustamente Smolka são alguns nomes de destaque nas apresentações de mesas redondas. Nas conferências que discutiam especificamente a relação entre literatura e educação, Moacir Scliar, médico e escritor, falecido em 2011 estava presente, assim como Affonso

<sup>2</sup> ANAIS, 7º Congresso de Leitura do Brasil: 8 a 10 de setembro de 1989. Disponível em: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/7\\_cole\\_-\\_anaais](https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/7_cole_-_anaais)>. Acesso em: 06/01/2017.

<sup>3</sup> Fonte: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/8\\_cole\\_-\\_anaais\\_baixaressolucao](https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/8_cole_-_anaais_baixaressolucao)>. Acesso em: 10/01/2017.

Romano de Sant'Anna, que discutiu a necessidade da presença da literatura na vida dos educadores (ANAIS, 8º COLE, 1991).

### Considerações finais

Neste trabalho destacamos como o COLE foi se constituindo enquanto âmbito de Políticas de leitura e de formação de leitores. O processo de disputa acerca dos sentidos para o enfrentamento de uma crise de leitura e de formação de leitores nuança de forma democrática a articulação entre equivalências e projetos de formação de leitores escolares, o que possibilita que a produção de sentido esteja sempre aberta a novas possibilidades de reflexão e subjetivação.

Nesse entender, enquanto nos primeiros anos de COLE as produções foram de cunho transformador, crítico, expressando um posicionamento pedagógico reativo ao sistema político e educacional, nos últimos eventos, a problematização da experiência estética, a partir de determinados posicionamentos no campo disciplinar da literatura é assumida como central.

Ainda que se constitua como algo próximo às redes epistêmicas, em seu interior, comunidades disciplinares parecem atuar em contínuo revezamento de suas projeções de leitores, ancorando e objetivando sentidos sempre parciais e postos ao processo de negociação, o que evidencia o próprio COLE como um espaço político potente de produção de sentido e, portanto, de política curricular.

### Referências

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, Unicamp, Campinas. *Anais Congresso de Leitura do Brasil*. Disponível em: <<http://alb.org.br/anais-cole/>>. Acesso em: dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas (1981). Disponível em: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/3\\_cole\\_-\\_resumos](https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/3_cole_-_resumos)>. Acesso em: dez. 2016.

\_\_\_\_\_. *Resumos 6º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas (1981). Disponível em: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/6\\_cole\\_-\\_resumos](https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/6_cole_-_resumos)>. Acesso em: dez. 2016.

\_\_\_\_\_. *Resumos 7º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas (1981). Disponível em: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/7\\_cole\\_-\\_resumos](https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/7_cole_-_resumos)>. Acesso em: dez. 2016.

\_\_\_\_\_. *Resumos 8º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas (1981). Disponível em: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/8\\_cole\\_-\\_resumos](https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/8_cole_-_resumos)>. Acesso em: dez. 2016.

\_\_\_\_\_. *Tempo de COLE*. Disponível em: <[https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/catalogotempocole\\_2014](https://issuu.com/pesquisaalbmemoarias/docs/catalogotempocole_2014)>. Acesso em: jan. 2017.

MAGNANI, M. R. Armadilhas discursivas da leitura: contra a ditadura da idiotia. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Conferência...* Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.

\_\_\_\_\_. *De leis duras & noivas voadoras – 30 anos de COLE: temáticas e moções*, 2009. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/conferencias/Maria\\_Rosario.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/conferencias/Maria_Rosario.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2015.

QUINAGLIA, Ivana A. L. *A leitura da leitura: o que traz a revista Leitura: Teoria & Prática sobre teorias e práticas de leitura*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006.